



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

24 DE NOVEMBRO
SEDE DO JOQUEI CLUBE BRASILEIRO
SÃO PAULO-SP
DISCURSO DURANTE ALMOÇO DA
TURMA DE 1937

Meu ilustre Professor, General Airton Lobo,
Meus Caros Professores e Instrutores da Escola Militar
do Realengo,
Meus Companheiros da Turma de 1937:

Eu deveria iniciar, e forçoso é que o faça, agradecendo a generosidade da acolhida do Dr. Francisco Eduardo de Paula Machado, que, pela segunda vez, permite que nos reunamos aqui na sua casa.

Deveria prosseguir, e também assim o faço, agradecendo às palavras generosas que acabo de ouvir, do nosso Ilustre e querido Professor de Direito do 1.º Ano da Escola Militar.

Palavras por demais generosas. Mas que dizem bem que continua sendo aquele mesmo capitão que procurava nos ensinar os elementos do Direito.

Aquele mesmo capitão que nos falava em Democracia e procurava colocar na cabeça dos cadetes do 1.º ano

aquelas noções de Democracia, numa época em que de um lado estava o oposto da Democracia, o fascismo, do outro lado, o outro oposto da Democracia que era o Comunismo.

E nós no centro, orientados apenas pelas palavras do Capitão Airton e orientados também pela casa paterna.

Felizes de nós todos, que tivemos nos bancos escolares (e aqueles que foram meus companheiros no Colégio Militar sabem muito bem que foram as primeiras) as primeiríssimas lições que recebemos do que poderia ser um governo democrático para nossa Pátria.

Noções primeiras que trazíamos da nossa casa paterna, consolidadas quando ainda éramos ginasianos, por aqueles mestres que encontramos no Colégio Militar.

Noções várias, apenas entramos na Escola Militar, consolidadas em noções de camaradagem, de abnegação, de sacrifício e de idealismo. Mas noções muito vagas. Apenas iniciadas, do que poderia ser de fato uma democracia para nosso País. E foi lá, no velho Realengo, então capitaneados por Airton Lobo e pelos nossos Mestres e Instrutores, que conseguimos, aspirantes, ter bem firmes aquelas noções que há 42 anos nós todos juntos viemos defendendo.

Não foram poucas as lições que recebemos no Realengo. Seria egoísmo dizer, de nossa parte, que a nossa turma é uma turma diferente das outras. É porque nós vivemos, vivemos muito a nossa turma.

Mas a impressão que me dá: a impressão que me deu a Escola Militar, nas vezes que por lá passei — como Cadete, como Tenente Instrutor, como Capitão Co-

mandante de Esquadrão e como Professor — é que a Escola Militar de fato tem conseguido dar ao Exército Brasileiro uma plêiade de oficiais essencialmente com cunho democrático.

Significa, também, tal como nos ensinaram os nossos mestres nas nossas Escolas de Aperfeiçoamento e de Formação e Estado Maior, que muitas vezes para atingir esse objeto é preciso enfrentar obstáculos sérios e atacá-los de frente, como já fizemos várias vezes.

E por outras vezes, também, aquela velha noção de Cavalaria de não entestar as resistências mais fortes. Contornar para atingir o máximo e mais diretamente pelo caminho mais longo, pelo caminho mais fácil, e atingir o ideal democrático.

São essas as noções que por vezes podem levar aqueles de espírito desprevenido a dizer que o nosso exército não tem formação democrática. Mas não é uma ação momentânea que pode significar a nossa determinação, ou a finalidade de nossa determinação.

Eu não tenho dúvidas — absolutamente não tenho dúvidas de que, se for necessário, tal como nossos pais às vezes faziam para nos educar, seguindo aqueles caminhos normais, eu não tenho dúvida de que a turma 37 o fará.

Quando, por várias vezes, eu afirmei que era minha determinação, como Presidente da República, levar este País a uma democracia, muitos que se opunham a meu nome batiam palmas, porque imaginavam que era aquela democracia. Essa democracia que surge nas ruas, na boca da juventude, impulsionada por forças que vêm de fora.

Aquela ~~democracia~~ democracia que, absolutamente, nós não aprendemos.

Já tive a oportunidade de dizer, no interior de São Paulo, que a democracia a que eu me referia, e a que me refiro ainda, é aquela democracia que aprendi em casa, aquela democracia que aprendi com meus pais, aquela democracia que se consolidou com as lições que recebi no Exército e no Realengo. Aquela democracia que é fazer justiça com a coletividade, aquela democracia que antes de pensar nos interesses de grupo, pensa nos interesses do Brasil. Aquela democracia que me ensinou minha mãe, que não aceita materialismo e que acredita em Deus.

Convidei e concitei. Fiz apelos aos homens de oposição que parassem um pouco para pensar, que se juntassem a nós para, juntos, estudarmos as dificuldades que a nossa Pátria tem por adiante, nos planos externo e interno, e esquecermos as nossas querelas momentâneas. Para pensar primeiro no Brasil.

Repeliram as minhas mãos estendidas. Não aceitaram, porque talvez se sentissem envergonhados de sentar comigo a uma mesa para que deles eu pudesse receber uma contribuição.

Eu hei de caminhar com aqueles que me compreendem, e hei de conseguir esse objetivo a despeito de quaisquer obstáculos.

Tenho a certeza de que sempre que eu precisar — a meu lado, a minha mesa, me aconselhando, me motivando estarão os meus mestres e meus companheiros da Turma de 1937.

Muito obrigado.